

Introdução

O presente estudo trata de assinalar a importância de *Os Lusíadas* no contexto da Cultura Portuguesa, sobretudo em momentos de crise de identidade, guerras ou conflitos com outros países ou mesmo ameaças à integridade territorial ou à independência nacional. Deste modo, cuidaremos de cruzar alguns dos factos históricos ocorridos em Portugal, ou com ele relacionados, nos últimos quatro séculos, com as datas de algumas das mais importantes reedições de *Os Lusíadas*, a fim de descobrir possíveis conexões e teias de sentido cultural, político e histórico entre as duas ocorrências.

Num primeiro momento, serão então expostas e fundamentadas as reflexões de alguns autores sobre a importância e a vigência simbólica desta obra no contexto cultural português. Num segundo momento, apresentaremos as principais datas de reedições de *Os Lusíadas* relacionando-os com os factos históricos que nos parecem estar relacionados com estas reedições (em Portugal ou no estrangeiro, em língua portuguesa ou noutra) e que, aparentemente, com ela dialogam. O presente estudo parte e tem como objectivo fundamentar a consideração de que se trata de uma obra de importância simbólica e identitária única entre os portugueses. Na última parte deste estudo, discutiremos as reflexões acerca das ocorrências e “coincidências” histórico-culturais a que chegámos, e apresentaremos igualmente as limitações do presente trabalho.

É de salientar que existem centenas de edições de *Os Lusíadas*, em Portugal e além fronteiras, das quais também registamos traduções em várias línguas. De modo a não tornar demasiado densa a presente comunicação, não foi feita uma apresentação e análise exaustiva de todas as edições que encontramos. Contudo, procurámos usar um número de referências suficientes, de modo a sublinharmos o valor nacional desta obra e os possíveis propósitos de publicação do Poema com base na grande parte das edições existentes¹. Neste sentido, foram seleccionados os momentos mais importantes e decisivos da História portuguesa, os quais verificámos que coincidiram com as publicações do Poema.

¹ De notar que quando referenciamos números exactos de reedições temos por base a pesquisa feita até ao presente, não excluindo a hipótese de existirem mais reedições para além das que pudemos encontrar para elaboração deste trabalho.

1. A Incomensurável Importância d’*Os Lusíadas* na Cultura Portuguesa

Tem quase 439 anos de existência entre nós aquele que é lido como o nosso Poema Nacional por excelência. Não saberemos se esta perenidade prevalecerá no futuro, mas certos estamos de que tem sido suficientemente poderoso para sobreviver à viagem secular e chegar às prateleiras do século XXI, aos olhos dos leitores da cultura do presente, aos ouvidos do futuro que se prepara hoje. Sabemos que a memória cultural não pode abarcar exhaustivamente toda a História, mas, neste caso específico, *Os Lusíadas* ultrapassaram o obstáculo do tempo sem dificuldade, pois o seu teor simbólico, literário e cultural permitiu que, até aos dias de hoje, não caísse no esquecimento. Ainda que já admiremos a sua vetusta idade, o seu conteúdo tem-se enriquecido à medida que os anos passam, adquirindo um crescente valor simbólico. Virão as comemorações milenares...

Para a forte presença que tem e continuará a ter na nossa História e Cultura, muito contribuiu, o valor literário e simbólico que lhe foi atribuído ao longo do tempo, sendo considerado o Poema de engrandecimento de Portugal, o testemunho simbólico da individualidade lusitana gravado numa epopeia. *Os Lusíadas* são o “documento da «idade dourada» dos Portugueses. [...] Eram e são a recordação do império onde nunca se punha o sol” (Saraiva, s/d:131-132). Sendo relatados no Poema os feitos dos Portugueses no Oriente, eles ficarão gravados para sempre na memória dos homens.

Camões corporizou um verdadeiro saber válido e experimentado por todos os que viviam a época e conheceram o Oriente. Expõe uma dada interpretação de Portugal, sublinhando e enaltecendo o risco de terem sido os Portugueses os primeiros a aventurarem-se rumo à descoberta de novos mundos, abrindo as portas ao Ocidente. É por isto que Borges de Macedo considera que há n’*Os Lusíadas* o aproveitamento da história e afirma ainda que um Poema como este, ao exaltar os acontecimentos da nação, tem a função de a distinguir e a diferenciar das outras. O carácter histórico de veemente realidade de que se embebe o cânone é o modo como melhor se estabeleceu uma autenticidade identitária, que transita para o geral, formando o estereótipo (cf. Macedo, 1974:14-15).

Assim, é facilmente perceptível porque é que durante tantos séculos se tem admirado o épico e nele se revisitam os portugueses. Foram já várias as tentativas de superar Camões, mas em vão (referimo-nos, por exemplo, a Fernando Pessoa e a José Agostinho de Macedo), o que, em nossa opinião, lhe acrescenta mais valor ainda. Parafraseando Jorge de Sena, Camões é único, foi um poeta visionário que arrastou o colectivo até onde havia levado já o individual. A vivência íntima do Poeta, uma experiência que lhe provocara análogas descobertas do sentido da vida, fê-lo sofrer a angústia por o seu mundo não cursar trilhos luminosos do Fado que para ele havia visionado (cf. Sena, 1966:19). Depois da errância pelo mundo alargado pelos portugueses, trouxe da viagem, consigo e no seu coração desterrado, um livro de paixão e amor pelo seu lusitano lar, o que facilmente contagiou um povo experiente em fados e fadários a associar o seu destino colectivo ao do Poeta (cf. Lourenço, 1983:88).

Com efeito, Portugal deste milénio consente que deve “a única imagem universal do nosso ser e cultura” (Lourenço, 1983:73) ao autor do Poema.

Porém, e apesar de devolver uma imagem muito nítida dos portugueses, a imagem verdadeira do homem que foi some-se, sendo substituída por aquela que as nossas imaginações oferecem, quando tomamos contacto com a essência do Poema. Ele é herói da sua própria ficção, tornou-se para um povo inteiro bem mais mítico e,

mesmo, bem mais heróico que os heróis exaltados pelo seu Poema. Camões é a voz que nos fala quando em cada canto exprime o sentimento colectivo. O seu interesse individual trouxe a vida eterna à nossa alma, e foi o melhor que nos podia ter dado: devolver-nos a saga da nossa grande aventura dos Descobrimentos, dos quais durante um século fizemos parte. Portugal e os portugueses reconhecem assim no Poema, além de descrições poéticas dos acontecimentos, um verbo transformado em mito. Na senda de Oliveira Martins, não nos admira, portanto, a apoteose de Camões (cf. Martins, 1986:100), quer pela forma, conteúdo, ou mesmo pela perpetuidade que tenha dado ao monumento - símbolo português. Camões ergueu esse monumento, o epitáfio colossal para o heroísmo que abarca a história inteira de um povo a que pertence Portugal (cf. Valverde, 1973:97-98).

Deste modo, presenteando-nos em 1572 com o seu grandioso Poema, faz-nos sentir não querer esquecer não só o ano do coroamento máximo da nossa História, mas desta como símbolo também da História do Homem conduzida à reconquista do Paraíso Perdido (cf. Sena, 1973: 46).

Sublinhe-se também que se trata de uma obra de carácter messiânico, tendo-se tornado igualmente o cânone do registo histórico do que se fez e do que aconteceu, servindo, porventura, de guia aos primeiros historiadores, pois “é a história de Portugal vista através do poema” (Cidade, 1968:227).

É um objecto que atravessou gerações, um tesouro que herdámos para dar a herdar, o qual podemos ler e visitar. Foi com esse propósito que Camões molhou de tinta a sua pena, para nos dizer e fazer reviver, para nos passar o testemunho, enaltecendo que disso somos dignos, de merecer o nosso destino, pois é lembrança do que fomos e o melhor exemplo para o nosso presente:

É um caso raro na história da cultura moderna. Muitas nações se revêem com natural complacência nos seus grandes poetas [...], mas nenhuma delas é [o seu poeta] como nós somos Camões. O que cada um desses poetas encarnou pode separar-se deles sem afectar a imagem dos povos a que pertencem. [...] só Camões, graças a *Os Lusíadas*, se converteu para nós, ao longo do tempo, na imagem mesma de Portugal, e o Poema na tão celebrada «bíblia da pátria», alma da nossa alma (Lourenço, 1980:89).

2. Questões de Identidade e Reedição d’*Os Lusíadas*

2.1 Século XVII

Entre 1572 a 1639 existem pelo menos 12 edições de *Os Lusíadas*, incluindo a primeira. Neste primeiro período, o cruzamento das datas com os acontecimentos históricos não nos revela aparente conexão de interesses entre os propósitos dessas edições e os ditos acontecimentos, a não ser o objectivo de dar a conhecer o Poema. Mas, comparando com os séculos XVII e XVIII, verificamos que o Poema foi dado tantas vezes à estampa em 70 anos, quantas vezes em dois séculos. Com efeito, durante o período da ocupação espanhola contamos 11 edições (em 1591, 1597, 1607, 1609, 1612, 1613, 1626, 1630, 1631, 1633 e 1639); após a Restauração da Independência e até ao final do século XVIII, existem 12 edições (em 1644, 1651, 1663, 1669, 1670, 1702,

1721, 1731, 1732, 1749, 1772 e 1779), todas elas em Lisboa, à exceção da de 1630 e 1639 (Madrid) e de 1731 e 1732 (Nápoles e Roma, respectivamente).

Podemos justificar a insistência nestas reedições anteriores a 1640 devido aos factos históricos sobejamente conhecidos que conduziram à perda da Independência Nacional, após o desastre de Alcácer-Quibir. Existe, evidentemente, o desejo de preservar o que ainda tínhamos de *nós*, de identidade portuguesa, procurando-se nas reedições do Poema português uma tentativa de lenitivo e esperança para Portugal. Mas podemos também verificar que pode ter sido igualmente o desejo espanhol em dar continuidade a parte integrante do que acabaram de conquistar, admirando algo que, apesar de ter sido criado pelo outro, passou não só a ser seu, como também enaltece o todo peninsular.

Segundo António José Saraiva “[...] *Os Lusíadas* podem ser considerados um poema à glória da «nobre Espanha». O seu tema de fundo é a cruzada contra os mouros em que participaram os dois países.” (Saraiva, s/d:135).

A partir da Restauração da Independência de Portugal, não se registam tantas edições quantas as que podemos notar até 1640. Ainda que não na íntegra, analisámos as datas de reedições do Poema e estas mesmas datas assumem possíveis ligações implícitas ao decorrer dos acontecimentos históricos. Em primeira instância, notamos que estão concentradas no período pós-independência e na elaboração de tratados de paz. Mas, em 1639, último ano sob domínio espanhol, uma edição em Madrid é dedicada ao então Rei Filipe IV, aparecendo o nome de Camões como “príncipe de los poetas de España” (Camões, 1639: capa), que apesar de manter o Poema em língua portuguesa, todos os seus Cantos são comentados e esclarecidos ao pormenor por Manuel de Faria e Sousa em língua castelhana, o que reforça a opinião de António José Saraiva. Pois, Portugal, sob o domínio espanhol, ao sofrer a tentativa do processo inevitável de colonização, *Os Lusíadas*, nesta perspectiva, seriam vertidos na língua castelhana. Já passara meio século após a ocupação e tudo parecia continuar a apontar no mesmo sentido, podendo a edição de 1639 ser compreendida à luz de uma tentativa de firmar o Poema como poema espanhol. Mas eis que, no ano seguinte, um golpe restaura o Estado Português na forma anterior a 1580. A reedição de 1644, em Lisboa, poderá legitimamente ser vista como símbolo desse mesmo renascer da Pátria ao devolver o Poema à língua materna.

Também é possível interpretar as reedições d’*Os Lusíadas* à luz da celebração de tratados de paz como sendo sinónimo de transmissão da imagem de um povo que descobre outros povos, abrindo as portas para o Ocidente, e que, por conseguinte, alarga os horizontes e desenvolve o conhecimento, não só para si, mas também para as outras nações. Os feitos narrados no Poema, que representam união e apologia da paz, e sendo considerados como fazendo parte de uma epopeia sem guerras (cf. Braga, 1880:19), podem ser aceites como uma das razões pelas quais a Europa se interessou pela obra de Camões. Parece-nos, ainda, ser legítimo que é por essa mesma razão que as reedições desta obra que mais se destacam acontecem aquando da realização de tratados de paz. Como exemplo, podemos atentar nas reedições em Lisboa de 1644 (Aliança entre Portugal e Inglaterra em 1642) e 1669 (Aliança com França e paz com Holanda em 1667, e paz com Espanha e novo tratado de paz com Holanda em 1668).

Há, no entanto, alturas em que parece procurar-se alento, bravura, coragem, no momento em que o Poema é novamente editado em 1651 em Lisboa, logo após travarmos uma guerra com os ingleses (1650). Em síntese, o povo português parece rever-se nesta obra, não só em momentos de glória, mas também quando carece de alento.

2.2 Século XVIII

Existem outras edições, nomeadamente “Obras de Luís de Camões” que, para além de não coincidirem com marco algum específico na História de Portugal, também não contêm apenas o Poema. Encontram-se, também, neste século XVIII, novamente reedições em épocas de tratados e alianças, reforçando o que a este respeito já dissemos. Temos então em 1702 reedição em Lisboa aquando do reconhecimento de Filipe V de Espanha, por Portugal e França, em 1701, e aliança com Inglaterra e Holanda no ano de 1703. Há ainda outra reedição em 1779 em Lisboa, coincidente com a data do Tratado de Paz e Limites com Espanha, e com a data da aliança, neutralidade e comércio com o mesmo país, em 1778.

As reedições começam, entretanto, a surgir a propósito de efemérides e comemorações, como a de 1772, em Lisboa, data da celebração do segundo centenário da primeira publicação de *Os Lusíadas*.

Sendo o Poeta, Camões, e o Poema de Portugal, *Os Lusíadas*, sente-se na vontade portuguesa o desejo de reconhecimento da data de 1572 como aquela em que lhes foi oferecido o tesouro da sua alma.

2.3 Século XIX

As novidades trazidas pelo Iluminismo do século XVII apenas se sentem claramente em Portugal nos séculos XVIII/XIX, o que ajuda a compreender o aparecimento tardio de mentalidades sedentas de novas vanguardas. Neste século nota-se uma forte presença Camoniana em Portugal e também alargada além fronteiras. Golpes, revoluções, protestos, todos eles encontram n’*Os Lusíadas* um apoio de destemida força para continuar, para não desistir de um Portugal idealmente melhor.

De notar que prevalecem as edições aquando de tratados e alianças, sustentando cada vez mais a razão de ser da epopeia sem guerras, como já afirmámos relativamente ao século XVII. Como exemplo veja-se a reedição de 1827 (em 1825, Portugal reconhece a independência do Brasil pelo tratado do Rio de Janeiro) e 1900, ambas em Lisboa (em 1899, dá-se o segundo Tratado de Windsor entre Portugal e Inglaterra).

As traduções aparecem, também, no contexto dos tratados de paz e, vulgarmente, são traduzidas na língua do país pactuante com Portugal. Como exemplo, temos a edição traduzida de 1809, em Londres (Inglaterra auxilia Portugal em 1808 contra a invasão francesa e o Tratado Comercial entre Inglaterra e Portugal em 1810), a de 1880 em Londres, Filadélfia e Lisboa (dois tratados entre Portugal e Inglaterra em 1878 e 1879) e a de 1889, em Paris (convénio de Portugal com França em 1886). Apesar da tradução italiana de 1821, em Milão, não coincidir com pacto algum, é possível concluir que represente um forte simbolismo para esse país, uma vez que Portugal acaba por fazer a sua revolução liberal, pela qual, Itália ansiou e lutou durante cerca de cinco décadas (entre 1820 e 1870).

De acordo com Teófilo Braga, “os centenários dos grandes homens são as festas das consagrações nacionais” (Braga, 1880: 11). No século XIX, também não restam dúvidas sobre as razões da reedição, em Lisboa, do épico: trata-se das comemorações tricentenárias da morte e nascimento do Poeta e do quarto centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia (1880 e 1898, respectivamente). Mas já se distinguem associações e projecção de sentidos que lhe não foram atribuídos no século

anterior a este, como, por exemplo, os ideais republicanos e movimentos estudantis, num país que não avança ao ritmo da Europa Central, que sustentam com o Poema o estímulo à substituição do sedentarismo mental pela actividade intelectual.

De entre todos os promotores da reedição da obra, José Maria de Souza Botelho² destaca-se pela audácia em reproduzir o épico para presentear toda uma camada social europeia ciente da nova realidade sustentada pelo Liberalismo. Deste modo, a primeira edição por ele financiada data de 1817 e a segunda de 1823 (existem também duas reedições conformes a de 1817 em 1836 e 1865). Sublinhe-se que todas elas são publicadas em Paris. Estas edições monumentais também contribuíram para dar a conhecer o Poema a uma vasta parte do Mundo. Poderemos compreender este facto com o propósito de querer obter para Portugal o respeito por um país que os seus contemporâneos pareciam sonegar, e, fazendo-se substituir assim pelo Poeta na representação de Portugal perante cortes estrangeiras, cumpriu dar ao Livro uma grandiosa edição e um texto cuidadosamente devolvido à sua autenticidade (cf. Cidade, 1968:225).

2.4 Século XX

Até aqui vimos que “circunstâncias de ordem política prevaleceram sobre o Poeta” (Sena, 1966:18), quer seja por paz, esperança ou regozijo. Em 1921 pode observar-se que também o motivo político esteve uma vez mais envolvido na reedição do Poema em Lisboa, mas desta vez por questões internas, uma vez que a instabilidade política era de tal forma perturbadora (a sucessiva tomada de posse e demissão de governos da I República Portuguesa) podendo o reavivar do mito suscitar a continuidade da esperança e orgulho no país que, por mais crítica que fosse a situação, levantar-se-ia de novo. E mais uma vez, reforçando o possível propósito da reedição, existem tratados de paz, que aliás no ano de 1921 foram imensos (apresentamos em anexo apenas os que nos parecem mais representativos).

Na segunda metade do século XX, observam-se maioritariamente edições comemorativas. Dado o facto de a política vigente ser sobretudo nacionalista, podemos em duas perspectivas falar dos possíveis motivos comemorativos: por um lado, a obra, assertivamente, merecia-o; por outro, o seu simbolismo coadunava-se bem ao ideal nacionalista conservador que o regime defendia, e, portanto, era também por ele impulsionado, tornando-se motivo comemorativo a alusão ao Poema, contribuindo simultaneamente para a sua difusão. A coincidência da edição de 1965 com a guerra colonial também se pode interpretar como meio de apaziguar a revolta que o conflito pudesse suscitar entre os Portugueses. Esta coincidência da publicação de uma edição em 1965 com o desenrolar da guerra colonial poderá ser vista à luz de um eventual estímulo ao patriotismo de um povo que se immortalizara, segundo o poema camoniano, exactamente pelas suas acções guerreiras e heróicas. Dada a época de obscurantismo vivido sob a ditadura, seria um modo de ocultar a terrível realidade de uma guerra que prejudicava, na visão da época, a unidade nacional: o Portugal glorioso dos Descobrimentos!

² Mais conhecido por Morgado de Mateus, foi fidalgo da Casa Real, senhor e administrador dos morgados de Mateus, Sabrosa e outros vínculos, comendador da ordem de Cristo e diplomata. Nasceu no Porto a 9 de Março de 1758 e faleceu em Paris em 1 de Junho de 1825.

3. Conclusões

Do presente estudo podemos concluir que muitas vezes Portugal ao longo da sua História sentiu necessidade de se rever e visitar no seu Poema Nacional para presenciar continuamente o ideal nele cantado, para justificar quer acontecimentos, quer vontades. Entre absolutistas, liberais, republicanos, renascentistas, românticos, por mais divergências que se possam encontrar entre si, todos elevam o Poema e a todos conforta e apoia nos seus distintos momentos de ideais opostos. Observámos neste estudo que, de um modo geral, as questões de ordem política prevalecem sobre o cânone literário. Mas há também exemplo de quem, apesar das dificuldades persistentes para a nação, promova o orgulho de ser português por terras que não as suas, como foi o caso do Morgado de Mateus, que ofereceu à elite europeia da época grande parte da edição que ele mesmo custeou.

Novas situações e propósitos se atravessarão no percurso da nossa História, haverá inúmeros motivos por que queiramos lembrar e transmitir o mito, mas esperamos que essencialmente lhe dêem a devida celebração, que é a mais honesta e merecida: a sua leitura despida de intenções que não a apreciação do seu conteúdo, encontrando a verdadeira essência do Poema, a beleza do seu verbo, a glória de Portugal.

Referências Bibliográficas

Braga, Theophilo (1880). *Bibliographia Camoniana*. Lisboa: Imprensa de Cristovão A. Rodrigues

Cardim, Luiz (1940). *Projecção de Camões nas Letras Inglesas*. Lisboa: Editorial “Inquérito”, Lda

Cidade, Hernâni (1968). *Luís de Camões – O Épico*. (s/l) Livraria Bertrand

Fundação João Jacinto de Magalhães (1999). *Os Lusíadas*. Aveiro: Universidade de Aveiro

Lourenço, Eduardo (1978). *O Labirinto Da Saudade - Psicanálise Mítica Do Destino Português*. Lisboa: D. Quixote

_____ (1983). *Poesia E Metafísica - Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa Editora

Macedo, Jorge Borges de (1974). *Um Caso de Luta pelo Poder e a sua Interpretação n’«Os Lusíadas»*. Lisboa: Academia Portuguesa da História

Martins, Oliveira (1986). *Camões – Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*. Lisboa: Guimarães Editores

Matos, Maria Vitalina Leal de (2003) *Tópicos para a Leitura de Os Lusíadas*. Lisboa: Editorial Verbo

Moreira, António e Pedrosa, Alcino (s/d). *As Grandes Datas da História de Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias

Reckert, Stephen (1973). “Mudanças e Enganos («Os Lusíadas» como documento histórico, cultural e literário)” in *Actas da I Reunião Internacional de Camonistas*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”

Resenha dos Trabalhos da Semana de Estudos Camonianos (1972). *“Os Lusíadas” e sua Época (quatrocentos anos depois: 1572 – 1972)*. Rio Grande do Sul: Livraria Sulina Editora

Rodrigues, António Simões (1994). *História de Portugal em Datas*. (s/l) Círculo de Leitores

Saraiva, António José (1995). *Estudos sobre a Arte d’Os Lusíadas*. Lisboa: Gradiva

Sena, Jorge de (1966). *Uma Canção de Camões*. Lisboa: Portugália Editora

_____ (1973): “Aspectos do Pensamento de Camões através da Estrutura Linguística de «Os Lusíadas»” in *Actas da I Reunião Internacional de Camonistas*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”

Valverde, José Filgueira (1973): “«Os Lusíadas» em si Mesmos como Monumento” in *Actas da I Reunião Internacional de Camonistas*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”

Anexos

Questões de Identidade

Tabela 1






Século XVII					
Edições		Marcos Históricos			
		Tratados e alianças	Conflitos políticos	Comemorações	Outros
1639 Em Madrid (em língua castelhana)			1640 – Restauração da independência		
1644 em Lisboa		1642 – Aliança entre Portugal e Inglaterra			
1651 em Lisboa			1650 – Guerra com Inglaterra		
1669 em Lisboa		1667 – Aliança com França; Paz com Holanda 1668 – Paz com Espanha; Novo tratado de paz com Holanda			

Tabela 2

Século XVIII					
Edições		Marcos Históricos			
		Tratados e alianças	Conflitos políticos	Comemorações	Outros
1702 em Lisboa		1701 – reconhecimento de Filipe V de Espanha, por Portugal e França; 1702 - Guerra de sucessão em Espanha 1703 – Portugal rompe com			







		França; Aliança a Inglaterra e Holanda			
1731 em Nápoles (língua portuguesa)					1731 – Ópera italiana introduzida em Portugal
1772 em Lisboa				1772 – 2º Centenário da 1ª publicação; Dedicados ao Marquês de Pombal, auge do período pombalino	
1779 em Lisboa		1777 – Tratado de paz e limites com Espanha 1778 – Aliança, neutralidade e comércio com Espanha			







Tabela 3

Século XIX					
Edições		Marcos Históricos			
		Tratados e alianças	Conflitos políticos	Comemorações	Outros
1809 em Londres (em língua inglesa)		1810 - Tratado comercial entre Inglaterra e Portugal	1807 – França intimida e invade Portugal		1808 – Inglaterra auxilia Portugal
1815 em Paris		1814 – França impõe cedência da Guiana pelo Tratado de Paris			
1817 em Paris, por Dom José Maria de Souza Botelho. Em língua portuguesa.					Ofertas

a)

<p>1821 em Milão (em língua italiana)</p>					<p>1821 – Itália anseia pelo liberalismo (entre 1820 e 1870)</p>
<p>1821 em Rio de Janeiro</p>			<p>1820 – Revolução Liberal</p>		
<p>1823 em Paris por Dom José Maria de Souza Botelho</p>			<p>1822 – Independência do Brasil 1823 – Vilafrancada</p>		
<p>1827 em Lisboa</p>		<p>1825 – Tratado do Rio de Janeiro (Portugal reconhece a sua independência) 1827 – Convenção entre Portugal e Inglaterra</p>	<p>1822 – Independência do Brasil</p>		<p>1827 - Juramento da Carta Constitucional</p>
<p>1836 em Paris conforme a edição de 1817 por Dom José Maria de Souza Botelho</p>					<p>Ofertas</p>
<p>1852 em Lisboa</p>			<p>1850 – Protesto contra a “Lei das Rolhas” 1853 – Início da Regeneração</p>		

a)

<p>1865 em Paris conforme a edição de 1817 por Dom José Maria de Souza Botelho</p>					<p>1865 - Questão Coimbrã</p>
<p>1880 em Londres, Filadélfia e Lisboa (em língua inglesa)</p>		<p>1878 e 1879 – dois tratados entre Portugal e Inglaterra</p>			
<p>1880 em Lisboa</p>				<p>1880 – Comemorações tricentenárias da morte do poeta. Também aproveitadas pelos republicanos que associam o nome ao renascimento da pátria.</p>	
<p>1881 em Coimbra</p>					<p>Homenagem dos estudantes</p>
<p>1889 em Paris (em língua francesa)</p>		<p>1886 – Convénio de Portugal com França</p>			<p>1889 – Inglaterra já discorda com o “Mapa cor-de-rosa”</p>
<p>1898 em Lisboa</p>				<p>1898 - ano 374 do nascimento do Poeta (fac-símile da 1ª edição d’<i>Os Lusíadas</i>); Celebração em Lisboa do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia</p>	






a)

a)


1900 em Lisboa		1899 – 2º Tratado de Windsor (entre Portugal e Inglaterra)			
----------------	---	--	--	--	--

a) Em destaque as edições traduzidas.

Tabela 4

Século XX					
Edições		Marcos Históricos			
		Tratados e alianças	Conflitos políticos	Comemorações	Outros
1921 em Lisboa		1920 - Ratificação do Pacto das Sociedades das Nações, apenso ao Tratado de Paz de Versailles de 1919; Agosto – tratado de paz com a Turquia;			1920 – Instabilidade política, social e económica; 1921 – idem “noite sangrenta”; Reimpressão fac-similada da verdadeira 1ª edição d’ <i>Os Lusíadas</i> de 1572
1960 em Barcelos				1960 - Edição artística comemorativa do 3º centenário da Restauração da Independência de Portugal	
1965 em Lisboa			1965 – Guerra colonial		
1971 em Lisboa				1971- Edição comemorativa do 4º centenário da primeira edição de <i>Os Lusíadas</i>	
1972 em Lisboa				1972 – Edição comemorativa do quarto centenário da publicação de <i>Os Lusíadas</i>	

“Bíblia da Pátria” - Portugal e as Sucessivas Reedições de *Os Lusíadas*

1980 em Lisboa				1980 – Edição comemorativa do 4º centenário da morte do Poeta	
----------------	---	--	--	---	--